



**PARQUES E SUA INFLUÊNCIA NA QUALIDADE DE VIDA URBANA: ESTUDO DO PARQUE MUNICIPAL AMÉRICO RENNÉ GIANNETTI EM BELO HORIZONTE/MG**

***Luan Cerqueira de Assis***

***Lidiane Espíndula***

***Curso: Arquitetura e Urbanismo Período: 9º***

***Área de Pesquisa: Ciências Sociais Aplicadas***

**Resumo:** O parque urbano surgiu com a finalidade de melhorar a qualidade de vida urbana, mas em pleno século XXI esses espaços estão cada vez mais escassos. O crescimento desordenado e falta de aplicação das políticas públicas têm feito com que as cidades se tornem cada vez mais cinza, com isso, há um aumento da poluição, falta de espaços para o lazer e recreação, mudanças bruscas no microclima, além de um aumento nos alagamentos, que são frequentes em muitas cidades brasileiras, prejudicando a qualidade de vida urbana. O presente artigo tem por finalidade realizar estudos sobre a importância dos parques e áreas verdes, bem como suas contribuições para qualidade de vida urbana, além de reflexões acerca da importância do planejamento municipal e de políticas públicas. A metodologia se dá por meio de uma revisão bibliográfica, de forma a esclarecer a importância dos parques e áreas verdes, além de uma pesquisa qualitativa aplicada, que utiliza como conceitos ordenadores as dimensões humanas do espaço público urbano e constitui uma aproximação mais detalhada dos requisitos a que o programa geral deve responder no interior do espaço, além das principais orientações para o desenho do mesmo. Para a pesquisa foi selecionado o Parque Municipal Américo Renné Giannetti, um dos principais parques de Belo Horizonte. Conclui-se que os parques urbanos e áreas verdes melhoram a qualidade de vida urbana e que as pessoas estão diretamente relacionadas com o sucesso desses espaços, com isso, é necessário que o poder público crie espaços adequados e com toda infraestrutura, fazendo com que sejam frequentemente utilizados pela população. O interesse público teve papel fundamental no atual sucesso do Parque Municipal Américo Renné Giannetti, pois mesmo sendo projetado para ser o maior e mais bonito da América Latina, passou por um período de decadência.

**Palavras-chave:** Urbanismo. Planejamento urbano. Parque urbano. Qualidade de vida. Áreas verdes.

## 1. INTRODUÇÃO

O parque urbano surgiu no final do século XVIII, como forma de amenizar os efeitos causados pelas Revoluções Industriais que provocaram um crescimento desordenado da população nas áreas urbanas, em que surgiram problemas de insalubridade, falta de infraestrutura e poluição. Com isso, as pessoas sentem a necessidade de um contato maior com a natureza e as áreas verdes passam a ser mais valorizadas nas cidades (SILVA, 2017).

De acordo com Macedo e Sakata (2003, p. 16), parque urbano é, “todo espaço de uso público destinado à recreação de massa, qualquer que seja o seu tipo, capaz de incorporar intenções de conservação e cuja estrutura morfológica é auto-suficiente [...]”. Por sua vez, Loboda e Angelis (2005, p. 129) afirmam que “as áreas verdes tornaram-se os principais ícones de defesa do meio ambiente pela sua degradação, e pelo exíguo espaço que lhes é destinado nos centros urbanos”. Haja vista essas definições fica evidente que cada espaço verde é de extrema importância, deve ser valorizado e cuidado.

Contudo, “a cidade é cada vez mais um meio artificial, fabricado com restos da natureza primitiva crescentemente encoberta pelas obras dos homens” (SANTOS, 1997, p. 42). A falta de aplicação das políticas públicas contribui muito com esse problema. Com a cidade cada vez mais cinza, se tornam escassos os espaços para recreação e lazer da população, prejudicando a qualidade de vida urbana. A diminuição da vegetação também torna as cidades mais quentes, poluídas e mais suscetíveis aos alagamentos.

Segundo Mascaró e Mascaró (2010, p. 32), “a vegetação funciona como termorregulador microclimático”. Também “é responsável pela criação de ambientes esteticamente agradáveis, valorizando uma área e atuando como elemento que ameniza o estresse” (SZEREMETA; ZANNIN, 2013, p. 180). Os autores também enfatizam que os parques podem contribuir com a diminuição do sedentarismo, pois esses espaços quando bem planejados e com condições ambientais adequadas são um estímulo para que a população os utilize para a prática de atividades físicas. De acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde (PNE) 2019, estima-se que 40,3% da população brasileira é insuficientemente ativa (IBGE, 2020). Com isso, a disponibilização dessas áreas poderia contribuir para a diminuição desse número, além de atuar na promoção da saúde dessas pessoas. Além disso, Londe e Mendes (2014, p. 270) afirmam que “enquanto espaços públicos, as áreas verdes podem se constituir em locais para práticas sociais e culturais, encontros ao ar livre e para manifestações de vida urbana e comunitária, que favorecem o desenvolvimento humano e o relacionamento entre as pessoas”. Esses locais funcionam como uma válvula de escape e refúgio para a população, que vive em cidades cada vez mais caóticas. Podendo ser utilizados para o lazer, praticar atividades físicas ou apenas para contemplar a natureza, que além de bela proporciona diversas vantagens.

Diante disso, este artigo tem por finalidade realizar estudos sobre a importância dos parques e áreas verdes, bem como suas contribuições para qualidade de vida urbana, além de reflexões acerca da importância do planejamento municipal e de políticas públicas na construção de cidades ambientalmente saudáveis e sustentáveis e ainda busca contribuir com um maior conhecimento do tema.

## 2. IMPACTOS DOS PARQUES E ÁREAS VERDES NA QUALIDADE DE VIDA URBANA

Os parques urbanos surgiram na Inglaterra no final do século XVIII e “tem seu pleno desenvolvimento no século seguinte, com ênfase maior na reformulação de Haussmann em Paris, e o Movimento dos Parques Americanos – o *Park Movement* liderado por Frederick Law Olmsted e seus trabalhos em New York, Chicago e Boston” (SCALISE, 2002 apud SILVA e PASQUALETTO, 2013, p. 288). No século XVIII, ele surgiu como forma de atender as necessidades da população. Com a industrialização as cidades foram crescendo rapidamente, sem muito planejamento, as fábricas se misturavam com as residências, a sujeira e poluição aumentaram no mesmo ritmo. Com isso a população passa a enxergar a natureza com outros olhos (SILVA, 2017).

A cidade era o berço da poluição, do ar e sonora, e dos maus costumes, e o campo passou a ser um local desejado, uma vez que possuía ar fresco e tranquilidade. Por isso, há o surgimento da valorização do campo e das áreas verdes no urbano [...] (SILVA, 2003, p. 45).

No Brasil os parques não surgem com a mesma finalidade, pois ainda não havia cidades tão grandes e urbanizadas. Nem mesmo “a capital, o Rio de Janeiro, tinha o porte de qualquer grande cidade europeia da época, sobretudo no que diz respeito à população e área” (MACEDO e SAKATA, 2003, p. 16). Ainda segundo os autores, “o parque é criado, então, como uma figura complementar ao cenário das elites emergentes” (2003, p. 16), que se espelhavam nos modelos internacionais, principalmente os ingleses e franceses. De acordo com Bovo (2009, p. 77), “neste período os parques urbanos eram vistos pela sociedade como algo contemplativo, como um cenário completamente concebido, uma modernidade importada dos países europeus, alheia às necessidades sociais da população urbana daquela época”.

Segundo Macedo e Sakata (2003, p. 16), “o século XIX é o momento da estruturação do Brasil como nação, que necessitava organizar-se como tal, principalmente a partir da vinda da família real portuguesa, em 1808”. Com isso, as cidades passam por transformações expressivas, pois sua estrutura urbana precisa atender novas funções. Essas mudanças ocorrem com mais agilidade na capital, o Rio de Janeiro, pois irá receber a nova sede da família real, além da estrutura de governo, que antes era desempenhada por Lisboa. Em 1822, com a proclamação da Independência ganha novo destaque, com grande quantidade de recursos, importa novas tecnologias e serviços de todo o país, ganhando proeminência na urbanização (MACEDO e SAKATA, 2003).

Em meio a tantas transformações tecnológicas e urbanas, “são criados, no Rio de Janeiro, os três primeiros parques públicos, com as características morfológicas e funcionais que conhecemos hoje [...]” (MACEDO e SAKATA, 2003, p. 16). São eles: o Passeio Público, o Campo de Santana e o Jardim Botânico.

Estes jardins eram espaços públicos quanto à sua localização, porém reservados quanto ao seu uso. Apenas as pessoas com vestes apropriadas podiam circular entre as palmeiras imperiais e a vegetação nativa brasileira, já a maioria da população não tinha acesso a esses espaços (BOVO, 2009, p. 77).

Ainda segundo Bovo (2009), o Jardim Botânico era bem afastado do centro, dificultando ainda mais o acesso da população. Porém as cidades brasileiras se tornam cada vez mais urbanizadas, em consequência, “[...] a natureza adquire outro significado no espaço urbano e passa a ser questionada a partir da segunda metade do século XX” (BOVO, 2009, p. 77). Com a diminuição de espaços públicos e

dificuldade de acesso das áreas de lazer pela população menos privilegiada, os parques urbanos foram ganhando importância, tornando-se uma necessidade social e objeto de desejo de grande parte da população (BOVO, 2009).

Macedo e Sakata afirmam que, com a valorização do urbanismo, a partir do século XX os parques recebem destaque como elemento primordial no planejamento urbano e passam a desempenhar novas funções como o lazer, prática de atividades físicas e conservação de recursos naturais. “Essas funções requalificam os parques e novas denominações, novos adjetivos, são atribuídos a eles como, por exemplo, parque ecológico e parque temático” (MACEDO e SAKATA, 2003, p. 13).

De acordo com Vieira (apud MARTINS e ARAÚJO, 2014, p. 41), as áreas verdes assumem diferentes papéis na sociedade e suas funções estão relacionadas no ambiente urbano como:

Função social: possibilidade de lazer que essas áreas oferecem à população. [...]; Função Estética: diversificação da paisagem construída e embelezamento da cidade. [...]; Função ecológica: provimento de melhorias no clima da cidade e na qualidade do ar, água e solo, resultando no bem-estar dos habitantes, [...]; Função Educativa: possibilidade oferecida por tais espaços como ambiente para o desenvolvimento de atividades educativas, extraclasse e de programas de educação ambiental; Função Psicológica: possibilidade de realização de exercícios, de lazer e de recreação que funcionam como atividades ante estresse e relaxamento, [...].

De acordo com Silva e Pasqualetto (2013, p. 292), “o século XX é conhecido como o período da consolidação da arquitetura paisagística brasileira, principalmente após a Segunda Guerra Mundial”. Assim, as áreas livres passam a ser projetadas por profissionais, que deixam de lado os conceitos da arquitetura internacional e criam projetos com uma nova identidade, priorizando os aspectos nacionais (SILVA e PASQUALETTO, 2013).

Segundo Sakata (2015), no século XXI os parques passam a ser implantados também nas periferias, “[...] frequentemente em espaços com bosques remanescentes que, através da conversão da área em parque público, têm garantida a sua conservação”. (SAKATA, 2015, p. 20).

Esses parques urbanos brasileiros representam na dinâmica da cidade um “espaço verde” fundamental ao crescimento e desenvolvimento econômico e urbano. Eles constituem um espaço destinado ao lazer, ao contato com a natureza, e contribuem com a qualidade de vida da população, despertando novos valores sociais, humanos e ambientais e proporcionando uma postura mais consciente aos indivíduos em relação à importância da natureza para os seres vivos (BOVO, 2009, p. 77-78).

Para Bovo e Oliveira, os parques urbanos têm destaque ambiental nas cidades, “pois contribuem com a qualidade de vida, proporcionando as condições de bem-estar, saúde e práticas de lazer, além do conforto climático, de satisfação estética da paisagem no interior de muitas cidades e é suporte para a fauna e a flora local” (BOVO e OLIVEIRA, 2020, p. 263). Além disso, tem papel fundamental na drenagem urbana. “Eles são áreas permeáveis, que retêm e infiltram águas pluviais e são uma compensação à invariável impermeabilização da malha construída” (SAKATA, 2015, p. 19). Desse modo, podem auxiliar na diminuição dos alagamentos no meio urbano, que estão cada vez mais constantes.

Loboda e Angelis (2005, p. 130) afirmam que, “[...] está evidente a importância do planejamento do meio físico urbano; no entanto, a preocupação de quem planeja ainda está centrada nas características socioeconômicas, relegando a dependência

dos elementos naturais”. Com isso, há um aumento das cidades com baixa qualidade de vida urbana, pois o planejamento urbano, precisa ser pensado levando em conta tanto o desenvolvimento econômico social, quanto a questão ambiental. Assim, as áreas verdes vão melhorar a qualidade de vida da população no quesito de saúde física e mental, “[...] absorvendo ruídos, atenuando o calor do sol; no plano psicológico, atenua o sentimento de opressão [...]; constitui-se em eficaz filtro das partículas sólidas em suspensão no ar, contribui para a formação e o aprimoramento do senso estético, [...]” (LOBODA; ANGELIS, 2005, p. 134).

Londe e Mendes (2014, p. 270) mencionam que, “a importância destas áreas deve ser considerada no momento em que se planeja a cidade”, pois assim poderão contribuir ainda mais na construção de cidades com qualidade de vida urbana e ambiental, já que com esse planejamento vai ser possível tirar vantagens nos aspectos ecológicos, estéticos e sociais.

Do canteiro à árvore, ao jardim de bairro ou grande parque urbano, as estruturas verdes constituem também elementos identificáveis na estrutura urbana; caracterizam a imagem da cidade; têm a individualidade própria; desempenham funções precisas; são elementos de composição e do desenho urbano; servem para organizar, definir e conter espaços (LAMAS, 1993, p. 106).

Conforme Milano (1984), a vegetação consegue barrar grande parte da radiação solar, contribuindo com a diminuição da temperatura nas cidades. Além disso, as árvores funcionam como um filtro natural do ar, pois suas folhas têm a capacidade de absorver parte dos gases poluentes e prender parte das partículas sólidas na superfície de suas folhas. Também tem a capacidade de amenizar os ruídos, que estão cada vez mais presentes nos centros urbanos. Lima e Amorim (2006, p. 71) pontuam que, “a troca do verde das paisagens pelo concreto das construções das cidades provoca mudanças nos padrões naturais de percolação das águas, por exemplo, fazendo das áreas urbanas sinônimos de desequilíbrio dos ecossistemas e de vários processos de erosão”. Ainda segundo os autores (2006), as áreas verdes deixam as cidades mais alegres e coloridas, se tornando mais atraente para a população. Além disso, essas áreas acabam se tornando a principal fonte de alimentos e abrigo para a fauna urbana, ajudando a manter o equilíbrio e a harmonia do ecossistema nas cidades (OLIVEIRA FILHO et al., 2013).

O avanço tecnológico, a urbanização acelerada e a escassez de espaços para o lazer, estão diretamente relacionados ao aumento do sedentarismo. Os parques urbanos têm papel fundamental para reverter esse cenário, “eles fornecem locais propícios para que as pessoas caminhem ou corram, muitas vezes possuem instalações específicas para esportes, exercícios e outras atividades vigorosas, [...]” (XAVIER et al., 2018, p.83). Os autores ainda afirmam que esses espaços conseguem atender pessoas de diferentes classes sociais e idades, se adequando aos horários e tempo de cada indivíduo tornando o esporte acessível para todos (XAVIER et al., 2018).

No entanto, muitas vezes não existe um planejamento adequado para a implantação desses parques, tendo como principais objetivos as circunstâncias políticas e conveniência. Com falhas no planejamento e estudos quanto às necessidades de uso da população, há uma discrepância na distribuição desses parques. Como resultado, grande parte da população não é beneficiada. Outro problema é que essa grande quantidade de parques que vêm sendo implantados no Brasil, “[...] por conta de um consenso (que conduz a programas e políticas de governo) de que “parque urbano” é um investimento público que preserva o meio ambiente ao mesmo tempo que valoriza o bairro e amplia as possibilidades de lazer”

(SAKATA, 2015, p. 25), nem sempre tem um controle de resultado do poder público. Ficando uma incógnita, se esses espaços irão de fato trazer benefícios ou se serão um problema (SAKATA, 2015).

Com isso, sair implantando parques por toda a cidade não é indicativo de que eles serão utilizados e que só trarão benefícios. “Os parques, por si sós, não são nada e menos ainda elementos efêmeros de estabilização de bens ou de sua vizinhança ou distrito” (JACOBS, 2000, p. 100). Muito pelo contrário, é justamente a população que vai afetar esses espaços de acordo com a maneira que os utilizam. Portanto, se utilizados de maneira inadequada podem interferir negativamente nas cidades, causando medo, vandalismo e insegurança (JACOBS, 2000). A autora complementa que “os parques mais problemáticos localizam-se exatamente nos locais onde as pessoas não passam e provavelmente nunca vão passar” (2000, p. 117). Assim, quanto maior a diversificação de usos das edificações no entorno do parque melhor, pois isso vai gerar um movimento constante em diversos horários. Além disso, eles precisam ser atraentes e proporcionar vários tipos de atividades (JACOBS, 2000).

A primeira condição para compreender como as cidades e seus parques influenciam-se mutuamente é acabar com a confusão entre os usos reais e os fantasiosos – por exemplo, a baboseira de ficção científica de que os parques são "os pulmões da cidade". São necessários cerca de doze mil metros quadrados de árvores para absorver a quantidade de dióxido de carbono que quatro pessoas geram ao respirar, cozinhar e aquecer a casa. São as correntes de ar que circulam à nossa volta, e não os parques, que evitam que as cidades sufoquem (JACOBS, 2000, p. 99).

Muitas pessoas ainda colocam o dinheiro em primeiro plano, sem se importar com as consequências que isso pode causar. Um exemplo disso são as cidades, a grande valorização da terra tem feito com que as áreas verdes e áreas de lazer percam cada vez mais espaço para a construção imobiliária (ABIZADEH e ZALI, 2013). Com isso, os problemas enfrentados pela população no século XVIII estão cada vez mais presentes, em pleno século XXI. “As cidades têm de aceitar a estrutura e as funções [...] dos sistemas naturais para garantir sua própria. Os espaços verdes, como pulmões da cidade, é um conceito adequado” (ABIZADEH e ZALI, 2013, p. 119).

Assim, como abordado, os parques urbanos além de ajudar a diminuir a poluição nos centros urbanos, possuem vários aspectos que tornam as cidades mais agradáveis. Diversos autores citam os benefícios que as áreas verdes podem trazer para uma melhor qualidade de vida urbana, como: a estabilização das superfícies por meio da fixação do solo pelas raízes, redução da velocidade do vento, proteção da água por impedir o escoamento de substâncias poluidoras, equilíbrio dos índices de umidade no ar, minimizam os efeitos da excessiva impermeabilização, regulam o microclima, amenizando as altas temperaturas produzidas pela concentração de áreas edificadas ou pavimentadas, bem estar psicológico ao homem, sombra para pedestres e veículos, redução da poluição sonora, proteção e direcionamento do vento, melhoria na qualidade do ar, abrigo para pássaros, equilíbrio estético que ameniza a diferença entre a escala humana e outros componentes da cidade, proteção das nascentes e dos mananciais, organização e composição de espaços no desenvolvimento das atividades humanas, valorização visual e ornamental do ambiente, recreação, diversificação da paisagem construída (OLIVEIRA FILHO et al., 2013, ROSSATTO et al., 2008, LONDE e MENDES, 2014).

## 2.1. Metodologia

A primeira parte deste artigo desenvolve-se por meio de uma revisão bibliográfica, de forma a esclarecer a importância dos parques e áreas verdes para uma melhor qualidade de vida urbana.

A segunda parte do artigo apresenta uma metodologia qualitativa aplicada, com base no perfil do programa proposto por Alves (2003), que é decomposto em duas partes. A primeira parte utiliza como conceitos ordenadores as dimensões humanas do espaço público urbano e constitui uma aproximação mais detalhada dos requisitos a que o programa geral deve responder no interior do espaço, mais intimamente ligado a satisfação dos particulares anseios dos utilizadores e ao tipo de atividades que deverão ser desenvolvidas (QUADRO 1).

QUADRO 1 – Perfil do Programa Qualitativo – 1ª parte

<b>Objeto</b>	<b>Especificidades/Ações</b>
Tipo de espaço público	De acordo com a função dominante (parque, jardim, recinto, rua, praça, entre outros).
Exigências físicas e funcionais	Tipo de superfície, necessidades no envolvimento ativo e passivo, direitos de utilização, entre outros.
Articulação espacial complementaridades	Articulação à envolvente imediata, exploração de complementaridades funcionais, desempenho face à cidade, à população desta e do local.
Imagem/Identidade pretendidas	Valorização da identidade, revitalização, integração arquitetônica e urbana, significado, unificação e espírito do lugar.

Fonte: Alves, 2003.

A segunda parte refere-se às principais orientações para o desenho do espaço público urbano, seguindo um conjunto de exigências funcionais (QUADRO 2). Para a pesquisa foi selecionado o Parque Municipal Américo Renné Giannetti, um dos principais parques de Belo Horizonte capital do estado de Minas Gerais.

QUADRO 2 – Perfil do Programa Qualitativo – 2ª parte

<b>Necessidades humanas</b>	<b>Direitos de uso</b>	<b>Significado</b>	<b>Gestão/manutenção</b>
Satisfazer	Assegurar	Atribuir	Prever
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conforto</li> <li>• Relaxamento</li> <li>• Envolvimento ativo</li> <li>• Envolvimento passivo</li> <li>• Descoberta</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acesso</li> <li>• Liberdade de ação</li> <li>• Fruição</li> <li>• Mudança/ transformação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Clareza de leitura (legibilidade)</li> <li>• Relevância</li> <li>• Ligações individuais e em grupo</li> <li>• Ligações biológicas e psicológicas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Programação</li> <li>• Meios humanos e tecnológicos</li> <li>• Materiais</li> <li>• Plantio, irrigação e drenagem</li> </ul>
Exigências	Exigências	Exigências	Exigências

Fonte: Alves, 2003.

QUADRO 2 – Perfil do Programa Qualitativo – 2ª parte (continuação)

Exigências	Exigências	Exigências	Exigências
Microclima Dispositivos de conveniência Percursos, gradientes de superfície Locais para sentar Iluminação Equipamentos e mobiliário urbano Ambiência Relação com o contexto Segurança Movimentação Festejos e celebrações Recreio para crianças Espaços para adolescentes e adultos Espaços para comunicação Contato com natureza/contemplação Caminhos Detalhes e pormenores	Acesso físico, visual e simbólico Áreas de maior atividade e espaços polivalentes Subespaços Programação de atividades Equipamentos e espaços para celebrações, exposições, workshops, concertos, etc.	Rede pedonal simples e bem articulada Fronteiras distintas e permeáveis Designação apropriada dos subespaços Compatibilidade entre valores culturais e potenciais utilizadores Correta integração do espaço na envolvente Presença de elementos simbólicos, culturais e narrativos, subespaços disponíveis para atividades quotidianas e comuns (comer, passear, etc.) Formas de ligação a outros domínios ou realidades Lugares que estimulem sentimentos de proteção, de abrigo e de bem estar	Espaços suscetíveis de programação de usos distribuídos por toda a área e de acordo com as características sazonais Meios humanos para vigilância, limpeza da área, programação de atividades, assistência aos utilizadores Introdução de materiais duráveis, resistentes, seguros, de fácil manutenção e adequados. Seleção de espécies vegetais adequadas ao solo, ao clima e à topografia; irrigação distribuída e de fácil controlo que evite desperdícios; água corrente em bebedouros; aproveitamento da rede de drenagem para a irrigação natural, etc.

Fonte: Alves, 2003.

A pesquisa foi feita por meio do Google Earth, Google Street View e fotos de publicações de análises de outros autores e poderá ter continuidade assim que finalizada a situação de Covid-19, identificando *in loco* as características avaliadas.

### 3. ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO

#### 3.1. Breve histórico do Parque Municipal Américo Renné Giannetti

A área de estudo é o Parque Municipal Américo Renné Giannetti, localizado em Belo Horizonte, MG. “O Parque Municipal foi inaugurado em 26 de setembro de 1897,



três meses antes da fundação da nova Capital do Estado de Minas Gerais” (GÓIS, 2003, p. 11).

Desde sua concepção o parque municipal [...] está estritamente ligado com o crescimento e desenvolvimento da capital mineira. A concepção do projeto inicial data de meados da década de 1890, quando, por decreto estadual, transferiu-se a capital do Estado de Minas Gerais de Ouro Preto para Belo Horizonte [...]. A mudança foi devido a limitação espacial para a expansão urbana que Ouro Preto apresentava [...]. A nova capital foi uma das primeiras cidades planejadas do país, fruto do engenheiro Aarão Reis (PETEAN, 2015, p. 66).

Em 1894, Aarão Reis convida o arquiteto paisagista Paul Villon para a equipe, que logo assume as obras paisagísticas da cidade e dá início a implantação do parque. Villon projetou o parque para ser o maior e mais bonito parque urbano da América Latina. Inspirado no estilo romântico inglês, suas ruas, alamedas, lagoas e riachos foram traçados de forma livre pelo arquiteto (GALERA, 2014), criando um contraste com o desenho da cidade projetada, com ruas retilíneas e quadras regulares, como observado na FIGURA 1.

FIGURA 1 – Planta original da cidade de Belo Horizonte



Fonte: Panorama de Belo Horizonte, Atlas Histórico (1997).

Entre 1894 a 1897, Villon executou a implantação do Parque Municipal, um de seus primeiros na capital. [...] O parque desenvolvia-se numa superfície de 64 hectares, com base na aplicação dos princípios de jardim paisagista moderno, com a concepção naturalista, que buscava adaptar o desenho paisagístico à situação natural do terreno. Ainda tendo seguido a conformação natural do terreno, o parque foi inserido em uma planta quadrangular e regular, acompanhando o traçado proposto para a cidade (GALERA e GARCIA, 2017, p. 10).

A partir de 1940 o parque passou por um período de decadência, “[...] perdeu o controle de acesso e uso, sofrendo um abandono significativo: sua imagem foi associada à insegurança, principalmente devido à retirada dos gradis” (GALERA e GARCIA, 2017, p. 13). Porém, Américo Renné Giannetti assumiu a prefeitura em 1951 e logo tomou providências para reverter a situação do parque. Nesse período foi feita a primeira grande reforma no parque com tratamento da água, recuperação dos

jardins, reparo dos sanitários, asfaltamento das alamedas, implantação de uma fonte luminosa e uma "Concha Acústica" para apresentação de concertos ao ar livre (BELO HORIZONTE, 2021). "Em 1975, o Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA/MG) realiza o tombamento de todo o conjunto paisagístico e arquitetônico do parque, por meio do Decreto nº17.086/75 que proíbe novas construções no local" (BELO HORIZONTE, 2021, s/p).

Em 1992, o parque recebe a segunda grande obra de reforma, com plantio de novas espécies arbóreas, implantação de sistema de irrigação, repavimentação das alamedas, instalação de novos portões de entrada e aparelhos de ginástica, além da construção de uma pista de caminhada com aproximadamente dois mil metros. Em 2005, a Fundação de Parques Municipais passa a administrar o parque (BELO HORIZONTE, 2021).

No ano de 2006, foram feitas diversas mudanças para adequação dos espaços à acessibilidade universal, reforma da pista de caminhada e dos banheiros, pintura do gradil externo e edificações existentes. Além disso, foi feita a revitalização de diversos canteiros, com plantio de mais de cento e sessenta mil mudas e um projeto de controle de pragas foi implantado (BELO HORIZONTE, 2021).

Hoje o parque conta com apenas 182.000 m<sup>2</sup> (CARVALHO e GOSLING, 2018), como se pode observar na FIGURA 2, "entretanto, [...] é o parque mais visitado e importante de Belo Horizonte, abarcando cerca de 60% do número total de visitantes de todos os parques da capital" (GALERA e GARCIA, 2017, p. 16). Conforme mencionado por Abizadeh e Zali (2013), o mercado imobiliário tem sido um dos principais responsáveis pela diminuição das áreas verdes nas cidades.

FIGURA 2 – Demarcação da atual área do parque



Fonte: Google Earth (2018), modificado pelo autor.

### 3.2. Aplicação do método

A primeira parte do método apresentado por Alves (2003), que apresenta o perfil do programa qualitativo do parque, está intimamente ligada à satisfação dos particulares anseios dos utilizadores e ao tipo de atividades que deverão ser desenvolvidas. Como mencionado, o tipo de espaço público escolhido de acordo com a função dominante é o Parque Municipal Américo Renné Giannetti, o local possui

uma superfície plana, atende as necessidades no envolvimento ativo, passivo e direitos de utilização. Além disso, está de acordo com todas as especificidades/ações no que se refere à articulação espacial complementaridades e a imagem/identidade pretendida.

A segunda parte do método apresentado por Alves (2003), que apresenta o perfil do programa qualitativo do parque, as necessidades humanas precisam satisfazer o conforto, relaxamento, envolvimento ativo, envolvimento passivo e descoberta. Quanto ao conforto, o parque possui uma vasta área de vegetação, que contribui para um microclima agradável, como demonstra a FIGURA 2. Conforme Milano (1984) já abordou anteriormente, essa vegetação consegue barrar grande parte da radiação solar, contribuindo com a diminuição da temperatura nas cidades. Além disso, tem a capacidade de diminuir a velocidade dos ventos e amenizar os ruídos, que estão cada vez mais presentes nos centros urbanos. Outro ponto importante, é que as árvores geram sombra em diferentes pontos do parque ao longo do dia.

O parque conta com dez bebedouros públicos, iluminação, receptáculos de lixo espalhados por toda a sua extensão, caminhos largos, pavimentação com diferença de piso e texturas variadas das superfícies conforme destino, bancos próximos aos caminhos e em locais estratégicos, voltados para vistas interessantes e junto às áreas de recreio (FIGURA 3). De acordo Mazzei, Colesanti e Santos (2007, p. 39), essas áreas “[...] devem ser dotadas de infraestrutura e equipamentos para oferecer opções de lazer e recreação às diferentes faixas etárias [...]”.

No que diz respeito ao relaxamento, pode-se dizer que o parque atende muito bem esse requisito, funcionando como uma válvula de escape para a população. Por ser uma área muito grande, as pessoas acabam ficando mais distantes do movimento frenético da cidade e tem a oportunidade de ter um contato maior com a natureza, podendo escutar o canto dos pássaros, o barulho da água e sentir o perfume das flores (FIGURA 4). O parque conta com três lagos, três cascatas, aproximadamente trezentas espécies de árvores e cerca de trezentas e trinta espécies ornamentais. Sua fauna é composta por mamíferos, aves, répteis, anfíbios, peixes e centenas de invertebrados, que ajudam a manter o equilíbrio do meio ambiente. De acordo com Bovo e Oliveira (2020), espaços assim, além de melhorar a qualidade de vida urbana, servem como suporte para a fauna e flora das cidades.

FIGURA 3 – Interior Parque Municipal



Fonte: Google Street View (2017).

FIGURA 4 – Interior Parque Municipal



Fonte: Google Street View (2019).

O parque possui uma diversidade de espaços, que proporcionam diferentes sensações. Em alguns lugares os caminhos são mais estreitos e com grandes massas de vegetação, que dão um sentido de contenção, outros já apresentam um sentido infinito, pois são bem longos e largos. Por todo o percurso as pessoas se deparam

com uma grande variação de cores, texturas e luz (FIGURA 5). Em consequência, a permanência no parque se torna muito mais agradável e prazerosa.

O envolvimento ativo também está muito presente, o parque possui áreas para caminhar, correr, andar de bicicleta, patins, além de áreas para realização de concertos, teatro, piquenique, dança, exposições e performances. Existe uma gama de atividades, que atende diferentes idades. Para as crianças, o parque disponibiliza *playground*, carrossel, roda gigante, minhocão, pula pula, trezinho e animais de montaria. Já os adolescentes e adultos, podem usufruir de quadra de tênis, quadra poliesportiva, equipamentos de ginástica, orquidário, barcos a remo, vários espaços para convívio em grupo e encontros. De acordo com Xavier, Felipe e Arana (2018), essa grande variedade de atividades vai ajudar a diminuir o sedentarismo, que está cada vez mais presente nos centros urbanos.

O envolvimento passivo está relacionado diretamente ao envolvimento ativo, pois as atividades apresentadas anteriormente permitem que as pessoas tenham um contato direto com a natureza, vejam diferentes movimentos (caminhar, correr, etc.) e assistam a diferentes atividades, sendo elas habituais ou que ocorrem com menos frequência.

No que se refere à descoberta, os caminhos do parque possuem uma geometria e composição de percursos que criam efeitos de surpresa, mistério e dramatismo. Nota-se também, uma diversidade de espaços associados à mudança sucessiva de perspectiva.

Os direitos de uso precisam assegurar o acesso, liberdade de ação, fruição e mudança/transformação. Quanto ao acesso físico (FIGURA 6), o parque possui seis portarias distribuídas por todo o seu entorno, elas possuem placas informativas, são bem visíveis do exterior, não possuem barreiras, são passíveis de receber veículos de emergência em casos de necessidade, além de acessos diretos, cômodos e acessíveis que ligam as áreas que desenvolvem as atividades no interior do parque. Em relação ao acesso visual, o parque não possui muros altos e maciços de vegetação muito densos o que permite uma boa abertura visual. Já o acesso simbólico, está presente devido a fácil percepção de lugares calmos e seguros afastados das atividades mais energéticas, possibilitando que o público escolha os espaços apenas observando.

FIGURA 5 – Interior Parque Municipal



Fonte: Belo Horizonte (s.d.).

FIGURA 6 – Acesso Av. Afonso Pena



Fonte: Google Street View (2020).

Com relação a liberdade de ação, no parque existem áreas específicas para a realização de atividades com maior barulho e ação separadas das áreas mais passivas. Além disso, as áreas para recreio de crianças, apesar de próximas, são bem divididas de acordo com a idade, facilitando a vigilância dos adultos sobre elas. Percebe-se também, uma variedade de espaços pavimentados ou relvados de diferentes dimensões, sem a presença de barreiras físicas, potencialmente agressivas

ao choque no desenvolvimento das atividades, permitindo que diferentes grupos os utilizem de maneira simultânea. Conforme abordado por Jacobs (2000), são justamente as pessoas que irão interferir no sucesso do parque, com isso, essa grande disposição de espaços, irá contribuir para que mais pessoas frequentem o local ao longo do dia.

A fruição se encontra na variação de subespaços disponíveis para a apropriação temporária individual ou em grupo. Além de pequenas áreas diferenciadas para sentar, de estadia e de encontro.

Acerca da mudança/transformação, o parque possui espaços suscetíveis de receberem novos equipamentos para o desenvolvimento de atividades artísticas, lúdicas e didáticas.

O significado precisa atribuir a clareza de leitura, relevância, ligações individuais, em grupo, biológicas e psicológicas. No que tange a clareza de leitura, o parque possui uma rede pedonal simples, bem articulada, em alguns pontos de convergência apresentam maior expressão social e fácil percepção da identidade dos subespaços.

Quanto à relevância, o parque possui vários subespaços bem divididos, que correspondem com as necessidades do local e dos usuários, além de uma boa integração do espaço com a cidade. O parque está localizado próximo de uma das avenidas mais movimentadas da cidade, possui vários acessos e por estar cercado apenas com grades, sua exuberância não passa despercebida por quem transita em suas proximidades.

As ligações individuais e em grupo, podem ser observadas nos subespaços que estão disponíveis para as atividades cotidianas e comuns. No interior do parque, as pessoas se deparam com locais para alimentação, caminhar, praticar atividades físicas e socialização. Quanto às formas de ligação a outros domínios ou realidades, no parque está presente nos passeios de barco disponibilizados para os usuários.

A gestão/manutenção precisa prever a programação, meios humanos e tecnológicos, materiais, plantio, irrigação e drenagem. No que se refere a programação, o local conta com espaços adequados para uma programação de usos diversos distribuídos por toda a área e de acordo com as características sazonais.

#### **4. CONCLUSÃO**

O presente estudo demonstrou que os parques urbanos e áreas verdes possibilitam melhorias na qualidade de vida urbana. Contudo, em pleno século XXI, os grandes problemas enfrentados pela população no passado, estão cada vez mais presentes. A grande valorização das áreas urbanas e não aplicação das políticas públicas têm feito com que essas áreas se tornem escassas e em alguns casos abandonadas.

De acordo com as análises apresentadas, nota-se que as pessoas estão diretamente relacionadas ao sucesso do espaço público. Neste sentido, o poder público deve criar espaços com infraestrutura adequada, acessibilidade, arborização, diversificação de usos, mobiliário e assegurar por meio de políticas públicas espaços de qualidade. Em consequência, há um interesse maior da população em utilizar esses locais.

O Parque Municipal Américo Renné Giannetti foi projetado para ser o maior e mais bonito parque da América Latina, porém passou por um período de decadência, sendo abandonado e associado à insegurança. Com isso, o interesse público foi fundamental para reverter essa situação, as diversas mudanças e

melhorias foram primordiais para o sucesso do local, pois hoje se tornou um dos parques mais frequentados da cidade.

Assim, o objetivo deste trabalho foi alcançado, pois apontou que os parques urbanos, quando projetados com infraestrutura adequada, trazem sim benefícios para a qualidade de vida urbana, pois além de melhorar a saúde física e mental dos usuários, proporciona momentos de lazer, descanso e contato com a natureza.

Algumas orientações da segunda parte do método apresentado por Alves (2003), não puderam ser verificadas de maneira remota. A pesquisa poderá ter continuidade assim que finalizada a situação de Covid-19, identificando *in loco* as características avaliadas por meio do Google Earth, Google Street View e fotos de publicações de análises de outros autores.

## 5. REFERÊNCIAS

ABIZADEH, S.; ZALI, N. Analisando a função do espaço verde urbano no distrito 2 da Metrópolis de Tabriz, Irã. **Anuário do Instituto de Geociências**, v.36, p. 119-127, 2013.

ALVES, Fernando M. Brandão. **Avaliação da qualidade do Espaço Público Urbano**. Proposta metodológica. Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Lisboa, 2003.

BELO HORIZONTE. PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. **História**. 2021. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/fundacao-de-parques-e-zoobotanica/informacoes/parques/parque-municipal-americo-renne-giannetti>. Acesso em: 18 Abr. 2021.

BOVO, Marcos Clair. **Áreas Verdes Urbanas, Imagem e Uso**: um estudo geográfico sobre a cidade de Maringá (PR). Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente, 2009.

BOVO, Marcos Clair; OLIVEIRA, Ana Paula de. O parque urbano de uma pequena cidade da mesorregião centro ocidental paranaense. **Revista de Geografia**, Juiz de Fora, v.10, n. 2, p. 261-282, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/geografia/article/view/31675/21657>>. Acesso em: 18 Abr. 2021.

CARVALHO, I. B.; GOSLING, M. S. Patrimônio e emoções: uma pesquisa exploratória entre as funções do espaço e as experiências do usuário de áreas verdes. **Turismo y Desarrollo**, v.11, n.25, 2018.

GALERA, Izabella. **Os parques do século XIX em meio a cidade contemporânea: um estudo comparativo entre o Passeio Público de Curitiba e o Parque Municipal de Belo Horizonte**. Dissertação (Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2014.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LAMAS, J. M. R. G. Morfologia urbana e desenho da cidade. Lisboa: Fundação Calouste Gubenkian. Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1993.

LIMA, V.; AMORIM, M. C. C. T. A importância das áreas verdes para a qualidade ambiental das cidades. **Revista Formação**, n.13, p. 139 -165. 2006.

LOBODA, C. R.; DE ANGELIS, B. L. D. Áreas verdes públicas urbanas: conceitos, usos e funções. **Ambiência-Revista do Centro de Ciências Agrárias e Ambientais**, v. 1, n. 1, p. 125-139, 2005.

LONDE, R. P.; MENDES, P. C. A influência das áreas verdes na qualidade de vida urbana. **Hygeia**, Uberlândia, MG, v. 10, n. 18, p. 264-272, 2014.

MACEDO, Silvio Soares; SAKATA Fancine Mariliz Gramacho. **Parques Urbanos no Brasil**. São Paulo. Edusp. 2003.

MARTINS, Raphael Tavares Pacheco; ARAÚJO, Ronaldo de Sousa. Benefícios dos parques urbanos. **Perspectivas online: humanas & sociais aplicadas**, Campos dos Goytacazes, v. 10, n. 4, p. 38-44, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/2mWRS8K>. Acesso em: 18 Abr. 2021.

MASCARÓ, L.; MASCARÓ, J. L. **Vegetação Urbana**. Porto Alegre: Masquatro, 2010.

MAZZEI, K; COLESANTI, M. T. M.; SANTOS, D. G. Áreas Verdes Urbanas, Espaços Livres para o Lazer. **Revista Sociedade e Natureza**, Uberlândia, v.19, n.1, p.33-43, 2007.

MILANO, M.S. **Avaliação e análise da arborização de ruas de Curitiba-PR**, 1984. Dissertação Mestrado-Universidade Federal do Paraná, Curitiba - Paraná.

OLIVEIRA FILHO, P. C. de; ANDRADE, A. R. de; HABERLAND, N. D.; POTIKER, G. S.; SILVA, F. C. B. A. Importância das áreas verdes em uma cidade de pequeno porte: estudo de caso na cidade de Irati-PR. **Revista da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana**, Piracicaba –SP, v.8, n.1, p.89-99, 2013.

PETEAN, F. C. de S. **Uso de imagens hiperespectrais e da tecnologia LiDAR na identificação de espécies florestais em ambiente urbano na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais**. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Universidade de São Paulo- Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, 2015.

ROSSATTO, D. R.; TSUBOY, M. S. F.; FREI, F. Arborização urbana na cidade de Assis-SP: uma abordagem quantitativa. **Revista da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana**, Piracicaba, v.3, n.3, p. 1-16, 2008.

SAKATA, F. G. O parque urbano brasileiro do século XXI. **Periódico Técnico e Científico Cidades Verdes**, 03, 2015. 17-27. Disponível em: <[https://amigosdanatureza.org.br/publicacoes/index.php/cidades\\_verdes/article/view/973/996](https://amigosdanatureza.org.br/publicacoes/index.php/cidades_verdes/article/view/973/996)>. Acesso em: 18 Abr. 2021.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SCALISE, Walnyce. Parques urbanos: Evolução, projeto, funções e uso. **Revista Assentamentos Humanos**, Marília, v. 4, n. 1, p. 17-24, out. 2002.

SILVA, Janaína Barbosa; PASQUALETTO, Antônio. **O Caminho dos Parques Urbanos Brasileiros: da origem ao século XXI**. Estudos, v. 40, n. 3, p. 287-298, 2013.

SILVA, Jonatas Sathler Sigismundo. **Parque Urbano como elemento de integração cultural e de entreterimento**. FACULDADES INTEGRADAS DE ARACRUZ, 2017.  
Disponível em: <[http://www.faacz.com.br/repositorio\\_de\\_tccs/2017/2017-CAUJonatas%20Sathler%20Sigismundo%20da%20Silva.pdf](http://www.faacz.com.br/repositorio_de_tccs/2017/2017-CAUJonatas%20Sathler%20Sigismundo%20da%20Silva.pdf)>. Acesso em: 18 Abr. 2021.

SILVA, Luciene de J. M. da. **Parques Urbanos: A Natureza na Cidade -uma análise da percepção dos atores urbanos**. UnB-CDS, Mestre, Gestão e Política Ambiental, 2003. Dissertação de Mestrado – Universidade de Brasília. Centro de Desenvolvimento Sustentável.

SZEREMETA, B.; ZANNIN, P.H.T. A importância dos parques urbanos e áreas verdes na promoção da qualidade de vida em cidades. **RA'E GA: o Espaço Geográfico em Análise**, Curitiba, v. 29, p. 177-193, 2013.

VIEIRA, P.B.H. Uma visão geográfica das áreas verdes de Florianópolis, SC: estudo de caso do Parque Ecológico do Córrego Grande (PECG). Universidade Federal de Santa Catarina. Trabalho de Conclusão de Curso, Florianópolis, SC, 2004.

XAVIER, F. B., FELIPE, J. e ARANA, A. R. A. O parque verde urbano: características do uso através de observação sistemática. **Revista Brasileira de Gestão Urbana**, v.10, Supl. 1, 82-95, 2018.